

Pássaros juninos do Pará: a matutagem e suas relações com o cômico popular medieval e renascentista

Marton Maués¹

RESUMO: Apresenta-se e discute-se o aspecto mais caracteristicamente cômico, representado pelas personagens dos matutos, na vertente mais urbana do centenário e muito singular fenômeno paraense, dos pássaros juninos, conhecida como Pássaro Melodrama Fantasia.

Palavras-chave: cômico; Pará; pássaros juninos.

ABSTRACT: It presents and discusses the most characteristically comical aspect, represented by the characters of hillbillies in the more urban part of the centenary and very unique phenomenon in Pará, known as *pássaros juninos* “birds of june”, the Melodrama Fantasy Bird.

Keywords: comic; Pará; *pássaros juninos*.

A Amazônia possui uma fauna exuberante. Uma rica variedade de pássaros. E um imaginário colossal.

No mês de junho, em meio a fogos e fogueiras, no estado do Pará, acontece sempre uma “revoada de pássaros”. São os chamados pássaros juninos – Tucano, Arara, Tangará, Bem-te-vi. Já foram muitos, hoje lutam para sobreviver. Os pássaros são uma tradição popular que existe há mais de cem anos. Seus brincantes cantam, dançam, interpretam. É um teatro completo. Um teatro feito pelo povo.

Existem dois tipos de pássaros hoje. Um mais rural, chamado também Cordão de Pássaro ou Pássaro Meia Lua, por se apresentar em espaços abertos, mantendo seus integrantes o tempo todo em cena, numa estrutura semicircular. Outro mais urbano, característico da capital, chamado Pássaro Melodrama Fantasia, que absorveu elementos das óperas e operetas apresenta-



Foto Arquivo

das no Theatro da Paz, no período faustoso da borracha, incorporando o que o historiador Vicente Salles chama de *comodidades do palco* – a cortina, a iluminação, os bastidores, a cena frontal do palco à italiana e até o extinto “ponto” (poucos brincantes decoram todo o texto). Por isso, é muitas vezes chamado também de Ópera Cabocla.

O tema é sempre o mesmo: a caçada, morte e ressurreição de um pássaro. A este tema central, o Pássaro Melodrama Fantasia agrega outros, envolvendo dramas e sofrimentos de uma família de nobres ou fazendeiros, “costurados” por tramas de suicídio, morte, vingança, traição e incesto.

O antagonismo característico dos personagens do melodrama tradicional sobrevive nos pássaros juninos, personificando a eterna luta do bem contra o mal. No

¹ Ator, encenador, diretor do grupo Palhaços Trovadores, professor da Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará, mestre e doutorando em artes cênicas pela Universidade Federal da Bahia.

meio desta luta, rompendo a pesada cortina de dramas e lágrimas, aparece a Matutagem: um grupo de personagens responsável pelo riso do pássaro. São algumas características deste grupo que queremos levantar neste ensaio, apontando analogias, sobretudo, com o cômico popular da Idade Média e do Renascimento.

Também chamados matutos, os cômicos do pássaro junino, nos diz Marcondes (1997, p. 157), aparecem imediatamente antes ou após as cenas mais patéticas. É formado pelos matutos paraenses – um casal, seu filho, seus compadres e a filha destes –, o matuto cearense, um cabo ou um soldado. Ora participando diretamente do enredo, ora não, os matutos executam seus números através de *sketches* de teor jocoso e muitas vezes libidinoso, em linguagem que utiliza metáforas nem tão obscuras. Eles conduzem toda a comicidade do pássaro, contrapondo-a à carga dramática do melodrama, intervindo nos momentos de maior tensão. Seus quadros, afirma Marcondes (1997, p. 152), têm por objetivo provocar na platéia outro tipo de catarse: o riso e o gozo provocado pela irreverência, pela malícia e pela obscenidade.

Utilizando como referência o estudo do crítico literário russo Mikhail Bakhtin sobre a obra do escritor francês renascentista François Rabelais, destacaremos a relevância do riso no período medieval, que, mesmo em meio aos horrores praticados pela Santa Inquisição da igreja católica, fazia parte do cotidiano, integrado a ritos e festas populares – como o carnaval –, e abolindo fronteiras da vida social devido a seu caráter transgressor. E traçaremos paralelos entre a matutagem dos pássaros juninos de Belém do Pará com os cômicos medievais.

Bakhtin nos fala do caráter multifacetado do riso, considerando-o como elemento de fundamental importância para a vida cotidiana da Idade Média e do Renascimento. O riso opõe-se à oficialidade da época, agindo como instrumento de integração das camadas sociais, abolindo fronteiras entre elas:

O mundo infinito das formas e manifestações do riso opunha-se à cultura oficial, ao tom sério, religioso e feudal da época. Dentro da sua diversidade, essas formas e manifestações – as festas públicas carnavalescas, os ritos e cultos cômicos especiais, os bufões e tolos, gigantes, anões e monstros, palhaços de diversos estilos e categorias, a literatura paródica, vasta e multiforme, etc. – possuem uma unidade de estilo e constituem partes e parcelas da cultura cômica popular, principalmente da cultura carnavalesca, una e indivisível. (BAKHTIN, 1999, p. 3)

Bakhtin, em seu estudo, destaca o princípio da vida

material e corporal, presente no cômico popular, nomeando-o de realismo grotesco – sistema de imagens da cultura cômica popular. Nele, “o princípio da vida material e corporal aparece sob a forma universal, festiva e utópica” (BAKHTIN, 1999, p. 17). Este princípio, segundo o estudioso, é positivo, não se destaca dos demais elementos da vida, é universal e popular.

O porta-voz do princípio material e corporal não é aqui nem o ser biológico isolado nem o egoísta indivíduo burguês, mas o povo, um povo que na sua evolução cresce e se renova constantemente. Por isso o elemento corporal é tão magnífico, exagerado e infinito. Esse exagero tem um caráter **positivo e afirmativo**. O centro capital de todas essas imagens da vida corporal e material são a fertilidade, o crescimento e a superabundância. (BAKHTIN, 1999, p.17)

Ao lançarmos um olhar, por mais superficial que seja, sobre os personagens cômicos do pássaro paraense, é difícil não notar similaridades com o cômico popular da Idade Média e Renascimento, difícil não fazer analogias, não tentar estabelecer e destacar elementos hereditários herdados pelos pássaros das formas espetaculares e personagens daquele período. Analisando a dramaturgia do pássaro junino, destacando seus recursos melodramáticos, Carlos Eugênio Marcondes de Moura nos diz, quanto aos personagens, que:

A humanidade, no melodrama clássico, se caracteriza por uma dupla divisão: de um lado os maus, e de outro os bons e entre eles não há compromisso possível. Nos melodramas dos autores do pássaro junino o mau, por vezes, um tirano sanguinário, é personificado por um fidalgo transplantado para a Amazônia, um fazendeiro ou um seringueiro, o “coronel da borracha”, cujos atos de exploração econômica e violência ainda estão guardados na memória do povo amazônico. (MOURA, 1997, p. 151)

O mal é coadjuvado pela feiticeira e o bem pela fada, aquele sempre vencido por este, ao final do melodrama. Os títulos nobiliários confundem e invertem sua hierarquização. No melodrama passarinheiro, um duque pode ter mais poder que um rei e oprimir a filha deste. As ações destes dois grupos de personagens ocupam quase toda a extensão das peças, com o mal imprimindo uma tensão constante até sua derrocada, que só acontece no final do melodrama. Esta tensão é, por vezes, amenizada pela interferência de elementos do imaginário e cultura amazônica, da matutagem, dos números de dança, dos embates entre feiticeiras e fadas.



(...) nesse universo palaciano, movido a paixões as mais diversas, a valorosa maloca dos Aruãs e dos Tupinarés poderá, a qualquer momento, sair dos recônditos das matas amazônicas, a matutagem surgirá quando se menos espera, com toda a sua ironia, fina e grossa, com seus embates sexuais, com seus dançarás, seres míticos, caveiras, morcegos e demônios, virão assombrar as gentes, fadas e “fiticêras” se digladiarão, o bailê carnavalizará o mundo e algum pássaro inocente será abatido por um malvado caçador. Mas sempre ressuscitará. (MARCONDES, 1997, p. 155-156)



Foto Arquivo

A matutagem, grupo de personagens do pássaro junino, que nos interessa de perto, como já dissemos, ora participa diretamente do enredo, ora não tem nenhuma ligação com este. Em ambos os casos, porém, é com sua irreverência, seus jogos verbais e corporais explícitos ou de duplo sentido, sua sagacidade, ironia, zombaria e também sua ingenuidade, que o matuto instaura o riso que, tal qual o cômico medieval e renascentista, transgride as normas, as hierarquias, a trajetória linear do enredo.

De acordo com Bakhtin (1999, p. 4), as múltiplas manifestações da cultura cômica popular podem subdividir-se em três grandes categorias, sejam elas:

1. *As formas dos ritos e espetáculos* (festejos carnavalescos, obras cômicas representadas nas praças públicas, etc.);

2. *Obras cômicas verbais* (inclusive as paródicas) de diversa natureza: orais e escritas, em latim ou em língua vulgar;

3. *Diversas formas do vocabulário familiar e grosseiro* (insultos, juramentos, blasões populares, etc.).

Segundo ele, “essas três categorias que, na sua heterogeneidade, refletem um mesmo aspecto cômico do mundo, estão estreitamente inter-relacionadas e combinam-se de diferentes maneiras”.

No cômico do pássaro junino paraense – a matutagem –, esta inter-relação de categorias cômicas acontece plenamente, manifestação festiva popular que é: na forma de cortejo, integrando brincantes e público; nos jogos verbais de duplo sentido, paródicos, satíricos, jocosos, utilizando sem pudores o linguajar popular, vulgar; e na utilização de insultos e grosserias, usados entre parceiros e membros da mesma família. Os matutos utilizam a língua e os trejeitos do povo. Interferem num enredo dominado por nobres e senhores de terra. Juntam-se a estes, instaurando o riso, igualando-se em importância – são esperados com ansiedade pelo público, que com eles identifica-se. Zombam dos demais e de si mesmos, satirizam as situações, criticam as relações de poder com fina ironia. Humanizam-se ao ingenuamente expor seus medos das assombrações e outras imagens que habitam o imaginário do homem amazônico.

São nos jogos verbais e corporais que os matutos concentram o poder de suas ações. Estes jogos, repletos de tiradas de duplo sentido, assentam-se, como diz Bakhtin em seu precioso estudo do cômico popular, no baixo material e corporal, baixo este representado pelos órgãos genitais, o ventre e o traseiro (1999, p. 19). São as regiões mais expostas pelos matutos, que, muitas vezes, andam com o ventre apontando para frente, como a evidenciar sua genitália, no caso dos homens; outras vezes usam enchimentos nas nádegas, no caso das mulheres. Mostrar e tocar seus órgãos sexuais e traseiro, enquanto entabulam diálogos em forma poética, mas carregado de imagens sexuais, é também característico da atuação destas personagens.

Marcondes (1997, p. 224) nos dá um bom exemplo do jogo verbal executado pelos matutos no confronto sexual instaurado entre o personagem Puqueca, o matu-

to paraense, e sua mulher, Priscila, em que a macaxeira é empregada como metáfora. O texto foi extraído da peça *Os longos dias de vingança*, de Laércio Gomes.

Puqueca – *Vou te fazer uma pergunta
Pra responderes a altura
Se tu gostas de macaxeira
Um pouco mole ou bem dura*

Priscila – *Esta tua macaxeira
Uma vez eu já provei
Mas é que tava tão mole
Que eu comi e não gostei*

Puqueca – *Veja só se tu gostasse
O que seria de mim
Sem gostar comeste tanto
Que não queria mais ter fim*

Priscila – *Eu não queria mais ter fim
Eu vou já te explicar
É que macaxeira mole
É difícil de eu gostar*

Mesmo entre as personagens mais jovens, como os filhos adolescentes dos matutos paraenses, o tom de confronto sexual permanece, assim como as metáforas “agrárias”, como nos mostra Marcondes (1997, p. 225):

Jojoa – *Quando eu fui no teu roçado
Fiquei muito admirado
Teu roçado é muito novo
E ainda tá muito pelado*

Chicuta – *Isso era antigamente
Quando tu andou por lá
Mas se tu visse ele agora
Las pedir pra mim te dá.*

Os intérpretes, nos pássaros juninos, são escolhidos pela adequação de seus dotes físicos aos personagens, segundo a ótica de cada ensaiador. No caso dos matutos, contam a desenvoltura física e verbal, além de algumas deformidades: como pessoas muito magras ou muito gordas, velhos, anões, desdentados. Em uma apresentação do Cordão do Tangará, no teatro do Museu Goeldi, vimos uma brincante anã fazendo a filha de um dos casais de matutos, a correr pela cena com uma grande chupeta de plástico ao pescoço. O contraste velho/novo vimos no Pássaro Uirapuru, a se apresentar no mesmo local: o matuto, desempenhado por um brincante jovem, e sua esposa, por uma senhora de idade avançada.

Poderíamos nos remeter, sem incorrer em exageros, à ambivalência do cômico grotesco, apontado por Bakhtin, em que vida (o jovem) e morte (a velha) estão interligadas? Vale o risco da analogia – guardadas as devidas proporções, é claro. Diz o crítico russo, ao falar do grotesco das imagens de velhas grávidas e risonhas de Kertch, feitas em terracota, e que se encontram no museu l’Ermitage, de Leningrado:

Trata-se de um tipo de grotesco muito característico e expressivo, um grotesco ambivalente: é a morte prenhe, a morte que dá à luz. Não há nada perfeito, nada estável e calmo no corpo dessas velhas. Combinam-se ali o corpo descomposto e disforme da velhice e o corpo ainda embrionário da nova vida. A vida se revela no seu processo ambivalente, interiormente contraditório. Não há nada perfeito nem completo, é a quintessência da incompletude. Essa é precisamente a concepção grotesca do corpo. (BAKHTIN, 1999, p. 22-23)

O intérprete da matutagem é alguém que expõe seu corpo e que, no jogo de cena, verbal e fisicamente – como diz Bakhtin (1999, p.23) ao conceituar o corpo grotesco – enfatiza certas partes por onde entra e sai o mundo exterior, por onde se concretizam os prazeres, a sexualidade, a fecundidade, o parto. E as necessidades naturais, como comer, beber, excretar.

A identificação dos matutos com personagens que povoaram outras épocas, como mimos, bobos, bufões, palhaços, é nítida e carece de estudo mais aprofundado. Marcondes (1997, p. 229) já aponta nesta direção ao comparar traços da matutagem às máscaras da Commedia dell’arte. “O comportamento bufonesco e astucioso do matuto paraense, bem como de seu filho, os aproximam dos criados espertos, os zanni que, por sua vez, se filiam à comédia clássica greco-romana.”

Alguns personagens trazem nomes que se assemelham demais aos personagens da commedia italiana: Beringela/Brighela, Pulcherio/Punchinela ou Polichinelo, Toinha, Zefinha e Rosinha/Franceschina, Colombina, Smeraldina e Pascheta ou Turcheta. Até no jogo de cena, com um servindo de “escada” para o outro, no caso da relação do matuto paraense com o matuto cearense, a analogia com as máscaras italianas se faz, caso do primeiro e segundo zannis – um bem esperto e outro mais ingênuo. E ainda neste caso, vemos a relação daqueles matutos com a dupla de clowns Branco e Augusto.

Um olhar mais acurado nesta direção se faz necessário, a fim de que possamos talvez determinar com mais precisão essa cadeia evolutiva do riso popular, suas formas espetaculares, ritos, festas e personagens.



Mas é necessário varrer do olhar qualquer sombra de preconceitos e pré-conceitos determinados pela cultura oficial – como bem o fez Mikhail Bakhtin ao analisar o cômico popular medieval e renascentista, tendo por base a obra de François Rabelais –, para que assim, e somente assim, possamos contribuir para que muitos outros compreendam e valorizem formas artísticas tão bem elaboradas pelas mãos das gentes do povo. Obras ricas de elementos tradicionais e renovadores, que falam sobre e para o homem comum. Que demonstram sua maneira de olhar e entender o mundo – às vezes contraditória, mas, talvez por isso mesmo, ricamente poética.

O pássaro deve morrer sempre, mas somente na quadra junina, enredado em suas tramas melosas e dramáticas, em meio a reis, princesas, nobres, coronéis, capatazes, feiticeiras, fadas, seres lendários e míticos, matutos, números musicais e dançantes. Morrer para sempre e sempre renascer, por um toque de mágica, em meio a fogos e fogueiras. Como uma fênix. Uma fênix que também ri.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento – O contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; Brasília: Edunb, 1999, 419 p.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*. Belém: Cejup, 1995, 448 p.
- MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. *O teatro que o povo cria*. Belém: Secult, 1997. 404p.
- REFKALEFSKY, Margaret. *Pássaros... bordando sonhos: função dramática do figurino no teatro dos pássaros em Belém do Pará*. Belém: Instituto de Arte do Pará, 2001. 191 p. (Caderno IAP).